

# **Diversidade, Raça e Gênero na Comunicação**

## CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Teixeira Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Lorangeira – REDE JIM  
André Lemos – UFBA  
André Parente – UFRJ  
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ  
Claudia Attimonelli – UniBa – Bari  
Cristiane Finger – PUCRS  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Erick Felinto – UERJ  
Issaaf Karhawi – USP  
Jaqueline Moll – UFRGS  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Luiz Mauricio Azevedo – USP  
Marcelo Ikeda – UFC  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Maura Penna – UFPB  
Micael Herschmann – UFRJ  
Michel Maffesoli – Paris V  
Moisés de Lemos Martins – Universidade do Minho  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Rose de Melo Rocha – ESPM  
Vincenzo Susca – Montpellier III  
Vicente Molina Neto – UFRGS

## APOIO



ORGANIZADORES

ANDRÉ PASE

CAMILA KIELING

DEIVISON CAMPOS

**DIVERSIDADE,  
RAÇA E GÊNERO  
NA COMUNICAÇÃO**



*Editora Sulina*

Copyright © Autores, 2023

**Capa e projeto gráfico**

Cintia Belloc

**Revisão**

Simone Ceré

**Editor**

Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

---

D618

Diversidade, raça e gênero na comunicação / organizado por André Pase,  
Camila Kieling, Deivison Campos. – Porto Alegre: Sulina, 2023.

192 p.; 14x21 cm.

ISBN: 978-65-5759-121-5

1. Comunicação Social. 2. Jornalismo. 3. Sociologia. 4. Racismo –  
Jornalismo. 5. Diversidade – Jornalismo. 6. Gênero – Jornalismo.  
I. Pase – André. II Kieling, Camila. III. Campos, Deivison.

CDU: 070  
301  
316.77  
981  
CDD: 070  
302

---

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644 – 4º andar

CEP: 90620-100 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3110-9801

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Outubro/2023

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

# Sumário

A diversidade como risco e como potência 7

*Organizadores: André Pase, Camila Kieling e Deivison Campos*

## PARTE I – ESTUDOS DE GÊNERO E RAÇA

Marcos Paulo, Britney e Michelly. Transfemininas e telenovelas,  
os corpos de um novo tempo. Uma análise interpretativa. 13

*Anderson Luiz de Melo e Cláudia Lago*

O contradiscurso ao claustro da histeria:  
mídia independente *AzMina* 29

*Raabe Cesar Moreira Bastos e Gabriela Santos Alves*

Redes sociais on-line como espaços de construção  
e resgate de memória: a Pequena África no Instagram 47

*Julio Jorge Trindade Duarte*

As fontes jornalísticas de Francisco Guimarães,  
o Vagalume, em *A Tribuna* 69

*Matheus Lobo Pismel*

Jornalismo antirracista e posicionado:  
narrativas das e para as periferias 89

*Edilaine Heleodoro Felix*

## **PARTE II – DIVERSIDADE NA COMUNICAÇÃO**

- Comunicação organizacional e cultura no Batuque Gaúcho:  
dos processos da oralidade às significações do rito de axé  
de fala no comunicacional batuqueiro **111**  
*Rudimar Baldissera e Sérgio Gabriel Fajardo da Silva Neto*
- Práticas de contestação da publicidade no contexto  
das indústrias promocionais contemporâneas **139**  
*Laura Wottrich*
- Análise do discurso de neopopulistas  
sobre direitos humanos **159**  
*Julia Cristina Marques Vilas Boas, Taiane Volcan e Raquel da Cunha Recuero*
- O imaginário negacionista forjado  
pelo site Médicos pela Vida **173**  
*Álvaro Nunes Lorangeira*

## A diversidade como risco e como potência

Os estudos comunicacionais experienciaram nos últimos anos, no Brasil, o processo de institucionalização do debate sobre diversidade, inserindo diferentes questões em torno dos marcadores de diferença em relação com os processos comunicacionais e estudos de mídia. Este movimento, com desdobramentos não só de objetos e métodos, mas igualmente epistêmico, tem produzido novas perspectivas e visibilizado todo o trabalho que vinha sendo produzido com essa característica, principalmente a partir dos Estudos Culturais e das Estéticas da Comunicação.

O processo de institucionalização reflete a chegada de novos atores ao campo, principalmente oriundos das mais diferentes políticas afirmativas, a discussão sobre objeto e método comunicacional, expressado nas teorias, e um interesse maior pelo corpo e pela materialidade num contexto de midiatização social e de plataformização da vida. Também se manifesta pelo debate epistemológico decolonial que tensiona o saber científico e seus processos de validação de conhecimento.

Esse processo teve desdobramentos nas principais associações das Ciências da Comunicação. Na atualização dos grupos de pesquisa da Intercom em 2022, a entidade passou a contar com o de Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, e o de Comunicação, Alteridade e Diversidade,

somando-se a outros já existentes. Observa-se igualmente o movimento na Compós com os grupos de trabalho de Comunicação, Gêneros e Sexualidades e o de Comunicação, Raça e Interseccionalidades. Os grupos apontam para um maior número de pesquisadores e a sistematização de pesquisas sobre marcadores de diferença nos estudos comunicacionais, somados a um conjunto expressivo de dossiês e livros publicados sobre os temas no período.

Mesmo com a institucionalização em processo, a discussão sobre diversidade ainda apresenta uma tensão entre risco e potência. Isso porque, por um lado, o conceito tem sido utilizado para estandardizar a diferença, ou seja, para dar conta da pressão dos movimentos sociais, estudantes e pesquisadores, muitas vezes o conceito é acionado de forma unificadora da diferença, simplificando as dinâmicas sociais. Por outro lado, a discussão sobre diversidade é potencialmente emancipatória por visibilizar e problematizar questões sobre a diferença.

Os textos que compõem este livro adotam a perspectiva crítica e emancipadora do debate sobre a diversidade. Foram produzidos a partir das discussões ocorridas durante o XV Seminário Internacional de Comunicação, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em novembro de 2022. O conjunto de textos selecionados reflete a proposta do evento Diversidade, Raça e Gênero na Comunicação. Convidamos alguns pesquisadores para expandir seus trabalhos e ir além neste livro, resultando em mais uma contribuição para a área. Com isso, a publicação está organizada em duas partes: “Estudos de Gênero e Raça” e, a outra, “Diversidade na Comunicação”.

A primeira parte, “Estudos de Gênero e Raça”, conta com dois textos sobre gênero que discutem os corpos trans e a



opressão linguística contra os corpos femininos. Os estudos sobre raça abordam o uso das redes sociais como lugar de memória, a história de um jornalista negro importante em seu tempo e depois esquecido e ainda práticas de jornalismo antirracista. O texto de Melo e Lago discute a representação da transfeminilidade a partir de personagens de três telenovelas veiculadas entre 2019 e 2020. Alves e Bastos analisam como a mídia legitima o discurso que liga a ação do feminino no espaço público, especificamente no campo político, à imagem da louca, acionando a noção de *claustro da histeria* de Marcela Lagarte, partindo de uma reportagem pela mídia independente *AzMina*.

Os textos sobre raça de Duarte discutem o Instagram como um lugar de memória possível para uma Pequena África, região do Rio de Janeiro, ampliada na rede, a partir de imagens históricas e do presente postadas por seus usuários. Pismel recupera a história do escritor e jornalista negro João Francisco, o Vagalume, que viveu também no Rio de Janeiro entre o final do século XIX e início do século XX. A partir de seus textos principalmente no *Jornal do Brasil* e *A Tribuna*, propõe um estudo sobre as fontes do jornalista em textos sobre o carnaval e a cultura negra do período. Também o estudo de Felix analisa o jornalismo antirracista a partir de experiências periféricas organizadas por escolas, agências e coletivos jornalísticos.

A segunda parte, “Diversidade na Comunicação”, inicia com a discussão proposta por Baldissera e Fajardo sobre a relação entre comunicação organizacional e o Batuque, religião de matriz africana, a partir do ritual *axé de fala* e dos sentidos que este adquire junto à comunidade litúrgica. O texto de Wottrich enfatiza as mudanças na atividade publicitária a partir da contestação possibilitada pelo processo de interação e a característica de participação dos usuários das

redes. Vilas Boas, Recuero e Volcan analisam os discursos neopopulistas no Facebook sobre Direitos Humanos durante o período eleitoral de 2022. Larangeira contextualiza seu texto no período da pandemia de Covid-19 a fim de analisar o imaginário negacionista proposto pelo grupo Médicos pela Vida para respaldar a pseudociência que circulou durante o período.

O conjunto de textos não esgota as temáticas, nem mesmo as abordagens possíveis sobre o tema da diversidade, que com força reinsere o humano e os marcadores de diferença nos estudos comunicacionais. Não que algum dia tenha estado fora, mas por força do contexto e das teorias a atenção, na maioria dos casos, recai sobre os processos, meios e produtos. Os estudos que consideram a diversidade e diferença não propõem superar essas perspectivas, mas oferecer uma maior complexidade aos estudos comunicacionais, considerando que os processos são dinamizados e por isso carregam as marcas do humano.

Boa leitura.

*Organizadores*

*André Pase, Camila Kieling e Deivison Campos*